

**Comunicação e Expressão 2º Bimestre**  
**Aulas dos dias 09, 16 e 23 de maio de 2018**

<b>2º Bimestre</b>		
<b>09/05</b>	Ok	<b>1</b>
<b>16/05</b>	Ok	<b>2</b>
<b>23/05</b>	Ok	<b>3</b>
<b>06/06</b>	Trabalho 4,0	<b>4</b>
<b>13/06</b>	Argumentação	<b>5</b>
<b>20/06</b>	Noções de estilística	<b>6</b>
<b>27/06</b>	Noções de retórica e oratória	<b>7</b>
<b>04/07</b>	Prova oral: 6,0 pontos	<b>8</b>
<b>11/07</b>	Resolução e entrega do trabalho	<b>9</b>

**Tópicos trabalhados nas aulas 1, 2 e 3:**

- Linguagem verbal e não verbal;
- Memes;
- Funções da linguagem;
- Emoticon e emoji;
- História em quadrinhos;
- Caricatura, cartum, charge, tirinha
- Norma padrão – norma não padrão
- Preconceito linguístico
- Adequado x inadequado
- Modalidade: oral ou escrita
- Leitura
- Alfabetização e letramento
- Interpretação de texto
- Intertextualidade
- Paródia, sátira, plágio e resposta

**A seguir, algumas considerações e exercícios vistos nas aulas 1, 2, e 3:**

**(tem algumas coisas repetidas aqui e também algumas sem a explicação,  
pois foi discutido em sala)**

A linguagem verbal é aquela expressa por meio de palavras escritas ou faladas, ou seja, a linguagem verbalizada, enquanto a linguagem não-verbal, utiliza dos signos visuais: imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, tom de voz, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos



- São dois tipos de modalidades comunicativas. A comunicação pode ser definida pela troca de informações entre o emissor e o receptor com a finalidade de transmitir uma mensagem (conteúdo). Qual será o código?



- Além da linguagem verbal e não verbal há a linguagem mista ou híbrida, a qual agrega essas duas modalidades, ou seja, utiliza a linguagem verbal e não-verbal para produzir a mensagem.



1. Linguagem verbal
2. Linguagem não verbal
3. Linguagem mista
4. Linguagem conotativa

○ **Outro exercício:**

○ Qual é o tipo de linguagem?

1. Bandeiras de impedimento
2. Cartões vermelho e amarelo
3. Locutor do Futebol
4. O apito do juiz

- A linguagem não-verbal pode ser até percebida nos animais, quando um cachorro balança a cauda quer dizer que está feliz ou coloca a cauda entre as pernas medo, tristeza.
- A simbologia é uma forma de comunicação não-verbal.
- Exemplos: sinalização de trânsito, semáforo, logotipos, bandeiras, uso de cores para chamar a atenção ou exprimir uma mensagem.
- É muito interessante observar que para manter uma comunicação não é preciso usar a fala e sim utilizar uma linguagem, seja, verbal ou não-verbal.

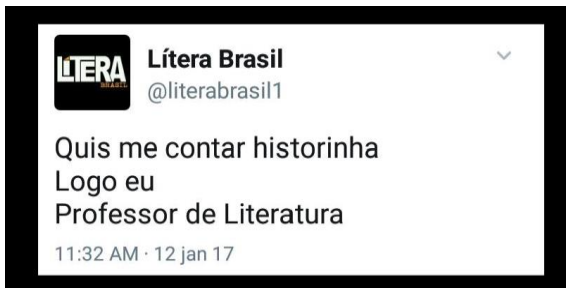
<b>Linguagem verbal</b>	<b>Linguagem não verbal</b>
bilhetes; cartas; conversas; decretos; diálogos; e-mails; entrevistas; filmes; jornais; literatura; livros; ofícios; poesias; prosas; reportagens; revistas; sites; telefonemas; ...	apitos; bandeiras; buzinas; cores; desenhos; expressões faciais; figuras; gestos; imagens; logotipos; luzes; pinturas; placas; posturas corporais; semáforos; sinais de trânsito; sinais; sirenes; ...

- A linguagem mista ocorre quando chamamos uma pessoa e ao mesmo tempo acenamos, quando dizemos que sim e ao mesmo tempo balançamos a cabeça, quando dizemos não sei e ao mesmo tempo levantamos os ombros... Está, também, presente em histórias em quadrinhos, em cartazes publicitários, em charges, em vídeos,...

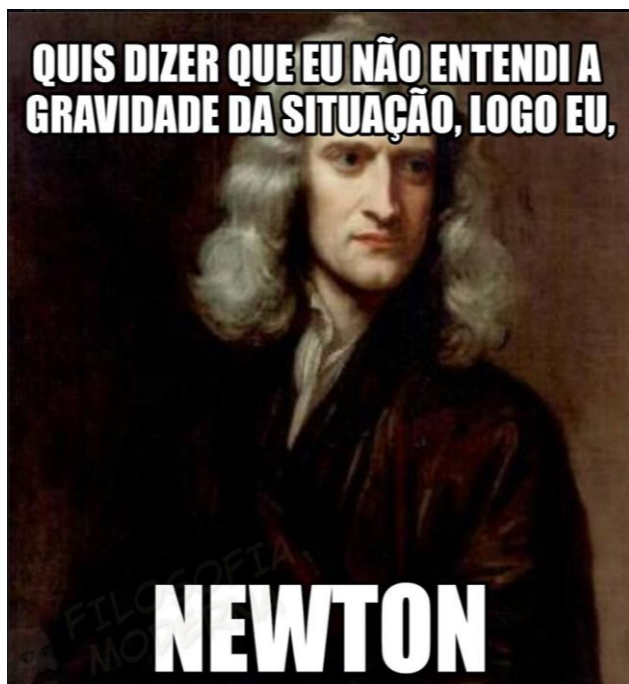


**"Tentou me derrubar?  
Logo eu, Nazaré Tedesco?"**

O "Logo eu" surgiu após a recuperação de uma fala da personagem Nazaré, da novela "Senhora do Destino". Mediante o contexto, seria uma forma irônica de responder quanto à incredulidade de perceber que alguém safou-se de um problema e o superou. A partir dele, com a imagem da atriz, foram criadas inúmeras versões para essa frase que circularam pelas redes sociais

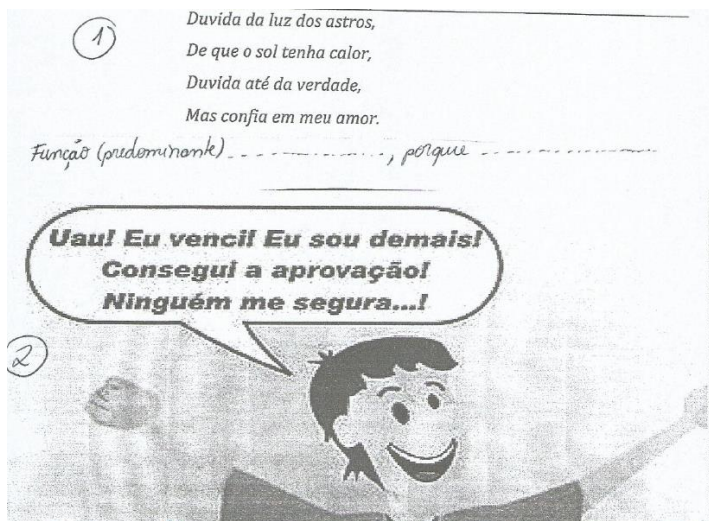






Funções da linguagem  
COMUNICAÇÃO

- |                     |           |   |                    |
|---------------------|-----------|---|--------------------|
| 1- QUEM?            | Emissor   | - | Função emotiva     |
| 2- COM QUEM?        | Receptor  | - | Função conativa    |
| 3- SOBRE O QUE?     | Referente | - | Função referencial |
| 4- O QUÊ?           | Mensagem  | - | Função poética     |
| 5- COM QUE SISTEMA? | Código    | - | metalinguística    |
| 6- POR ONDE?        | Canal     | - | Função fática      |



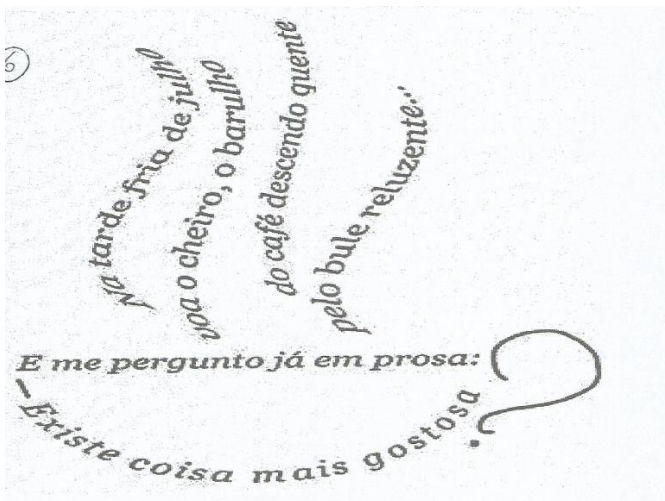


O MELHOR DE CALVIN / Bill Watterson

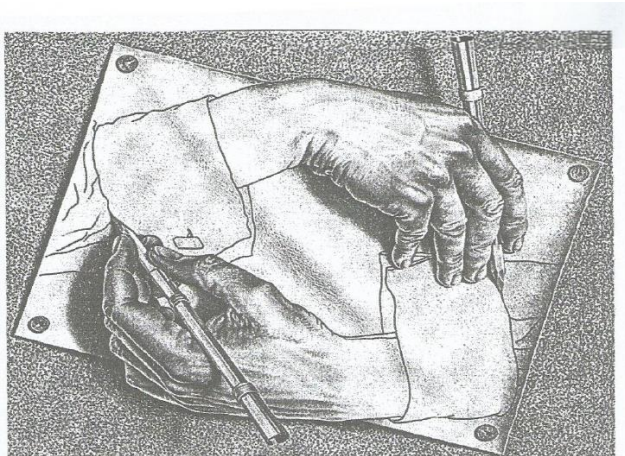


o garoto de seis anos. "Minha vida tem sido uma série fascinante: quais eu tenho muito o que contar."

3)....., porque.....







# Estado não tem sistema de alerta contra catástrofes

Radar detectou início da maior tragédia climática do país. Informação não foi usada



• O maior desastre natural do Brasil, que já custou a vida de pelo menos 506 pessoas e deixou mais de 5 mil desabrigados, mostrou que falta ao Rio coordenação para impedir que uma tempestade se desenvolva. *de São Paulo*



8- EsPCEEx - 2011 - EsPCEEx - Aluno - EsPCEEx - Língua Portuguesa

Quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, quer na seleção e combinação das palavras, quer na estrutura da mensagem, com as mensagens carregadas de significados, temos a função de linguagem denominada

- [A] fática.
- [B] poética.
- [C] emotiva.
- [D] referencial.
- [E] metalinguística.

9- COPEVE-UFAL - 2011 - IF-AL - Assistente Administrativo

No texto: "Com formato de guarda-chuva aberto, a Chrysaora hypocella pertence à classe dos cifozoários, animais celentrados, da classe Scyphozoa, aeróspedes, caracterizados por terem medusas grandes, em forma de campânula, marginadas por tentáculos.", a função de linguagem predominante é

- A) metalinguística.
- B) fática.
- C) apelativa.
- D) expressiva.
- E) referencial.



○ Distinção inicial:

ícone - Madona

símbolo - é mais abstrato

























índice - fumaça

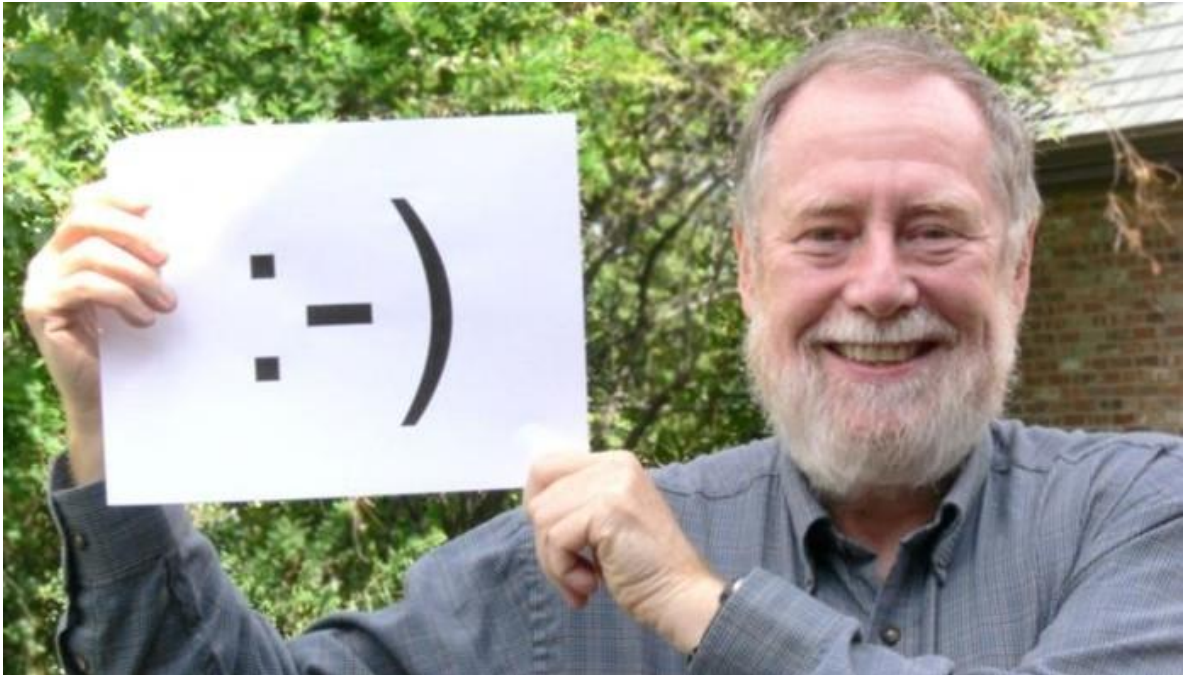
○ O alfabeto é um símbolo!

- É um signo visual ( uma imagem) que representa um objeto ou coisa por semelhança já que possui as mesma características que o objeto.



Name	Pictograph	Significado	Name	Pictograph	Significado
Aleph		Boi /força /lider	Lamed		Vara/ incitar/ controlar/ em direção a
Bet		Casa / "dentro"	Mem		Água/ caos
Gimmel		Pé /camelo / orgulho	Nun		Semente/ peixe/ atividade/ vida
Dalet		porta da tenda / caminho	Samekh		Mão no cajado, vara/ apoio/ suporte
Hey		Lo! /veja! /"o,a"	Ayin		Olho/ ver/ experiência
Vav		Prego/ gancho /adicionar /"e"	Pey		Boca/ palavra/ falar
Zayin		Arar/ arma /cortar	Tsade		Homem ao lado/ desejo/ necessidade
Chet		parede da tenda/ cerca/ separação	Qof		Sol no horizonte / atrás
Tet		Cesta/ cobra/ rodear	Resh		Cabeça/ pessoa/ primeiro
Yod		Braço e mão/ trabalhar/ feito	Shin		Comer/ consumir/ destruir
Kaf		Palma da mão/ abrir	Tav		Marca/ sinal/ pacto

- **Emoticon:** emotion (emoção) + icon (ícone)
- Servem para expressar emoções essencialmente por meio de caracteres tipográficos. Atualmente os internautas utilizam também os emoticons com imagens, que são inspiradas nos rostos criados a partir de sequências de caracteres do teclado padrão, tais como :-), :-( ou :'(
- O ícone foi criado em 1982, por Scott Fahlman, professor assistente de pesquisa de ciência da computação da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos.



- A ideia foi concebida para resolver um mal-entendido.
- Trocavam enigmas por uma plataforma de mensagens online rudimentar
- “Um elevador tem uma vela acesa presa na parede e uma gota de mercúrio do chão. O cabo do elevador se rompe e ele cai. O que acontece com a vela e o mercúrio?”.
- “ATENÇÃO! Devido a um experimento de física recente, o elevador mais à esquerda está contaminado com mercúrio. Há também um dano superficial causado por fogo. A descontaminação deve ser concluída até 8h de sexta-feira.”
- O texto era irônico, mas muita gente na instituição levou a sério.

Foi então que o professor Scott Fahlman propôs o ícone :- ) para identificar mensagem de piada e :-( para as sérias

19-Sep-82 11:44 Scott E Fahlman :-)  
From: Scott E Fahlman <Fahlman at Cmu-20c>

I propose that the following character sequence for  
joke markers:

:-)

Read it sideways. Actually, it is probably more  
economical to mark things that are NOT jokes, given  
current trends. For this, use

:-(\_

○ **Emoji** : “e” (imagem) + “moji” (personagem)  
Significando em português “pictograma”

- Os Emojis surgiram no Japão da década de 90 e são caracterizados por pertencerem a uma biblioteca de figuras prontas. Eles foram concebidos por Shigetaka Kurita. Os emojis também agrupam o smiley e outros símbolos originalmente considerados emoticons, porém apenas em suas versões em desenho.
- O primeiro emoji foi um coração, lançado em 1995, para atrair a venda de pagers pelos adolescentes.





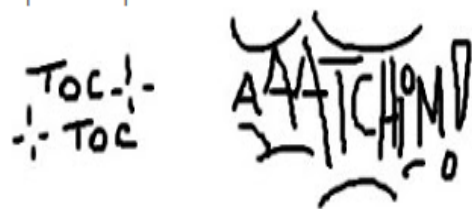


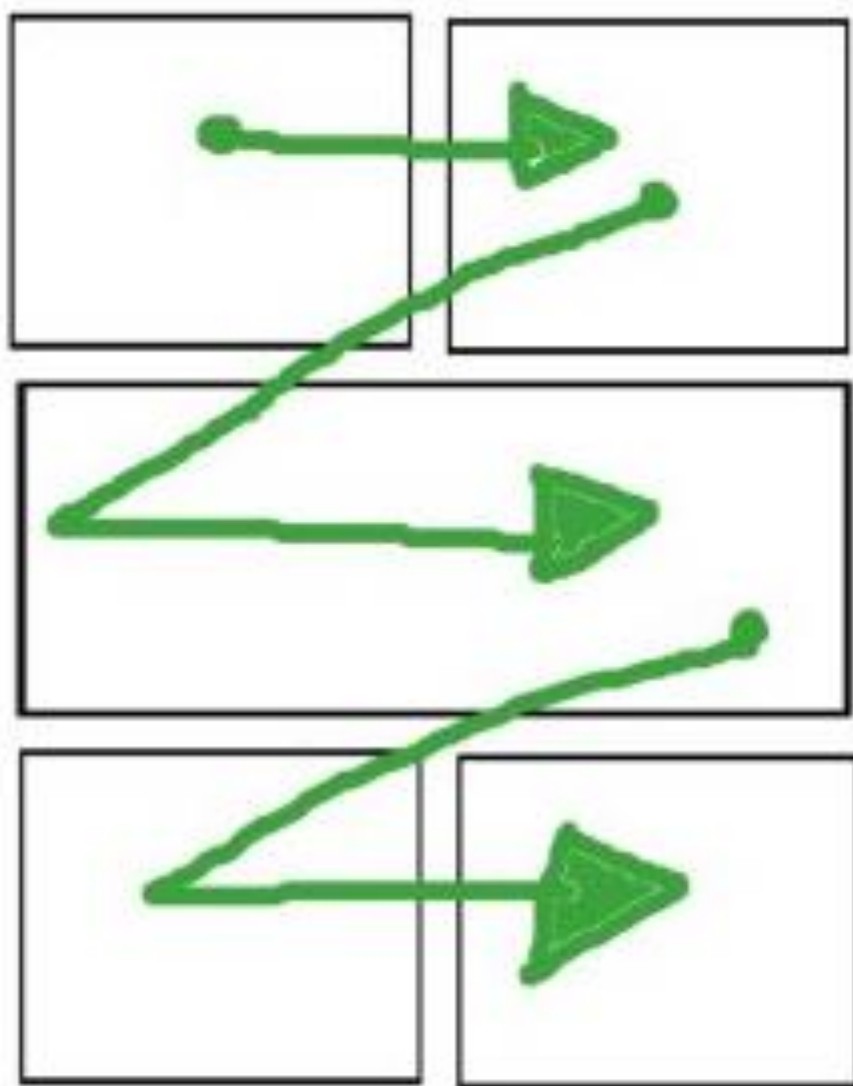
Note que o balão tem um “rabicho”, de forma a apontar para leitor quem está falando, ou pensando.

MAIS TARDE, NA SALA  
DE JUSTIÇA...

## ONOMATOPEIA

Assim como o balão indica o som da fala, a onomatopeia é uma representação de um som ambiente, que for importante para o desenrolar da história.





### Diferença entre caricatura, charge, cartum, tirinha e HQ.

- Caricatura é a representação exagerada de características ou hábitos de uma pessoa.



- Já a charge faz uma sátira (crítica sarcástica) de acontecimentos atuais, geralmente na esfera política, afim de demonstrar indignação e insatisfação com a situação vigente. Além disso, a charge quase sempre utiliza a caricatura para delinear o(s) personagem(s) envolvidos.

Ministro Joaquim Barbosa (abaixo). Nela o martelo e a capa foram realçados, o primeiro através de uma ampliação, indicando uma punição dolorosa aos réus do “mensalão”, já a segunda foi diferenciada a fim de comparar o personagem com um herói, um justiceiro



- Podemos dizer que o principal objetivo de uma charge é transmitir uma visão crítica sobre determinado assunto que esteja sob alvo de discussões na sociedade. Por isso as charges podem ficar datadas, ou seja, podem perder seu objetivo no futuro por estarem marcadas cronologicamente. Normalmente, elas são publicadas nas seções de artigos de opinião e cartas dos leitores, justamente por indicarem opiniões e juízos de valores por parte de quem enuncia, no caso, o chargista.

- O cartum também utiliza da caricatura, porém, diferente da charge, ele não retrata personagens conhecidos e não tem como objetivo satirizar uma situação atual, simplesmente faz graça com uma situação cotidiana. É algo próximo de uma piada.

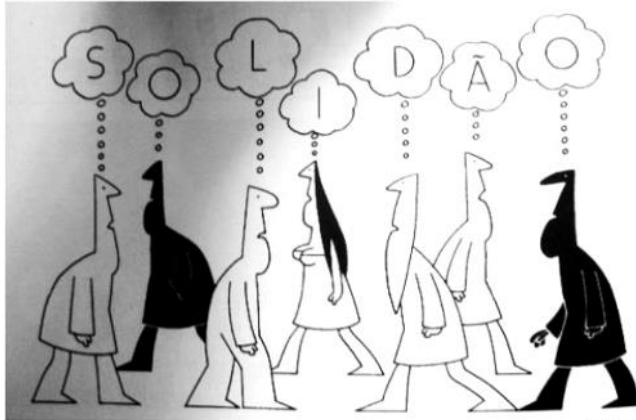


- A tirinha é uma sequência de quadrinhos que geralmente faz uma crítica aos valores sociais. É publicada com regularidade.



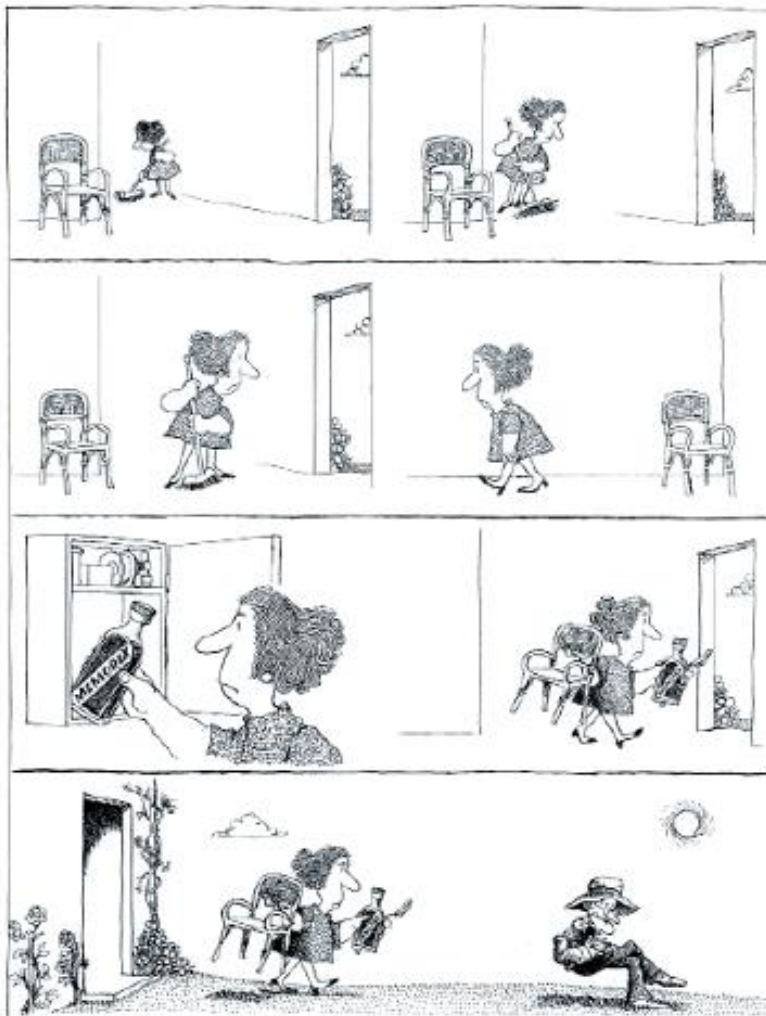


## Exercício de linguagem não verbal e verbal



CAULOS  
*Só doi quando eu respiro. Porto Alegre: L&PM, 2001.*

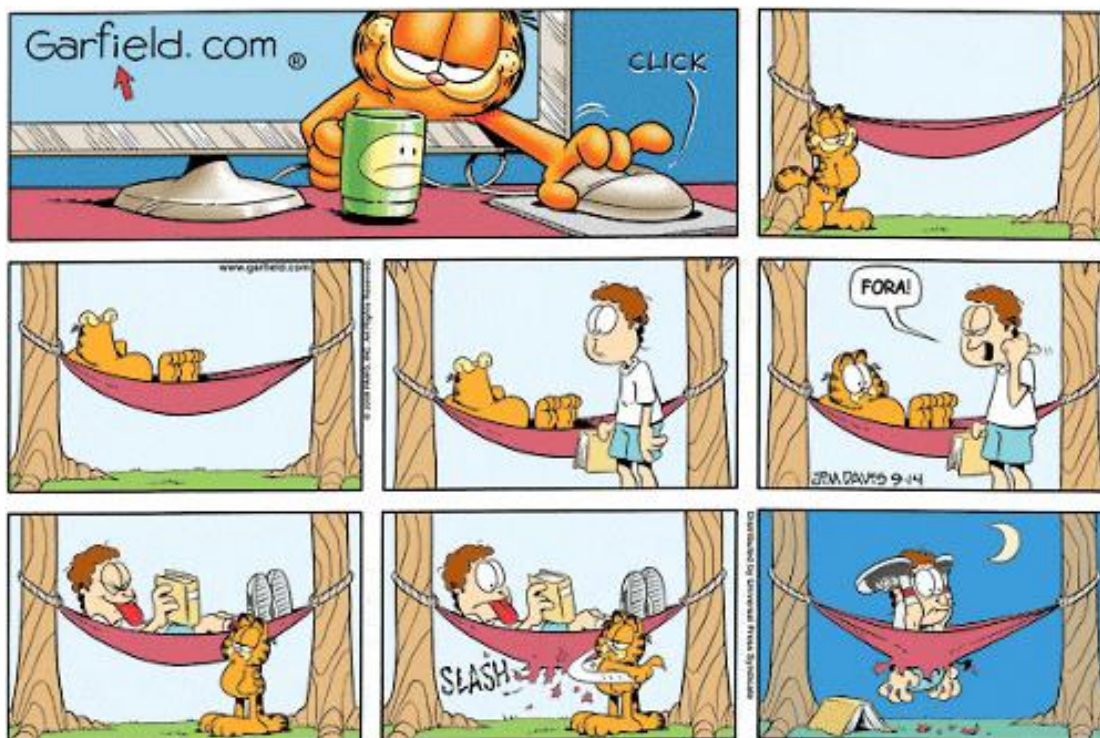
- a) dificuldade de conexão entre as pessoas
- b) aceleração da vida na contemporaneidade
- c) desconhecimento das possibilidades de diálogo
- d) desencontro de pensamentos sobre um assunto



QUINO  
*Déjenme inventar. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2003.*

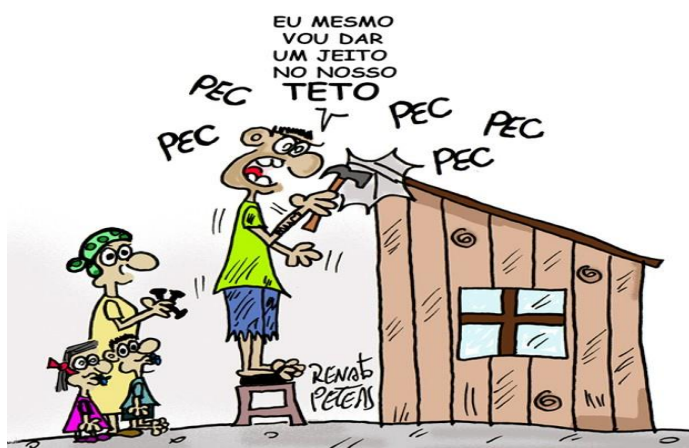


- Na tira do cartunista argentino Quino, utilizam-se recursos gráficos que lembram o cinema. A associação com a linguagem artística do cinema, que lida com o movimento e com o instrumento da câmera, é garantida pelo procedimento do cartunista demonstrado a seguir:
  - a) ressaltar o trabalho com a vassoura para sugerir ação.
  - b) ampliar a imagem da mulher para indicar aproximação.
  - c) destacar a figura da cadeira para indiciar sua importância.
  - d) apresentar a sombra dos personagens para sugerir veracidade.



Sobre a tirinha de Garfield, é correto afirmar que:

- a) A linguagem verbal é o elemento principal para o entendimento da tirinha.
- b) O uso da linguagem verbal não faz diferença para a compreensão da tirinha.
- c) O uso simultâneo das linguagens verbal e não verbal colabora para o entendimento da tirinha.
- d) A sequência cronológica dos fatos relatados nas imagens não influencia na compreensão da tirinha.





- O cartum *Vida de Passarinho*, do cartunista *Caulos*, estabelece um interessante diálogo com um famoso texto-fonte de nossa literatura. Assinale a alternativa que cita esse texto-fonte:

- a) *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias.
- b) *Erro de português*, de Oswald de Andrade.
- c) *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade.
- e) *Não há vagas*, de Ferreira Gullar.

d) José, de Carlos Drummond de Andrade.

Texto I

***“Mulher, Irmã, escuta-me: não ames,  
Quando a teus pés um homem terno e curvo  
jurar amor; chorar pranto de sangue,  
Não creias, não, mulher: ele te engana!  
as lágrimas são gotas de mentira  
E o juramento manto da perfídia”.***

**Joaquim Manoel de Macedo**

Texto II

***“Teresa, se algum sujeito bancar o  
sentimental em cima de você  
E te jurar uma paixão do tamanho de um  
bonde  
Se ele chorar  
Se ele ajoelhar  
Se ele se rasgar todo  
Não acredite não Teresa  
É lágrima de cinema  
É tapeação  
Mentira  
CAI FORA***

**Manuel Bandeira**

Enem) Os autores, ao fazerem alusão às imagens da lágrima, sugerem que:

- a) Há um tratamento idealizado da relação homem/mulher.
- b) Há um tratamento realista da relação homem/mulher.
- c) A relação familiar é idealizada.
- d) A mulher é superior ao homem.
- e) A mulher é igual ao homem.

○ *Canção do Exílio*  
*Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;*

*Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
[...]*

*Gonçalves Dias*

○ *Canto de regresso à pátria*

*Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá  
Minha terra tem mais rosas  
E quase que mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra  
Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo*

*Oswald de Andrade*

○ *Canção do Exílio facilitada*

*lá?  
ah!  
sabiá...  
papá...  
maná...  
sofá...  
sinhá...  
cá?  
bah!*

*José Paulo Paes*

○ *Canção do Exílio*

*Minha terra tem macieiras da Califórnia  
Onde cantam gaturamos de Veneza  
Os poetas da minha terra  
São pretos que vivem em torres de ametista,  
Os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
Os filósofos são polacos vendendo a prestações.*

*A gente não pode dormir  
 Com os oradores e os pernilongos  
 Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.  
 Eu morro sufocado em terra estrangeira.  
 Nossas flores são mais bonitas  
 Nossas frutas são mais gostosas  
 Mas custam cem mil réis a dúzia.  
 Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade  
 E ouvir um sabiá com certidão de idade !*

*Murilo Mendes*

- Assim que estabelecemos familiaridade com fragmentos poéticos em questão, constatamos que todos são unânimes no que se refere ao discurso. Todos os autores, ora pertencentes ao período modernista, pautam por um só objetivo: parodiar o pensamento ideológico que se fez presente na era romântica, sobretudo pelos representantes da primeira fase.
- Tal crítica se atribui ao nacionalismo exacerbado, “camuflando” as reais condições detectadas pela “terra descoberta”. E os modernistas, é claro, colocando em prática as ideias em voga, não deixaram por menos, retrataram sim as raízes nacionais, embora de uma forma real, transparente.
- Paródia
- Sátira
- Plágio
- “Resposta”
- Ainda que por vezes as técnicas próprias da sátira e da paródia se sobreponham, não são sinónimas. A sátira nem sempre é humorística - por vezes chega a ser trágica. A paródia é, inevitavelmente de carácter cómico. A paródia é imitativa por definição - a sátira não tem de o ser. O humor satírico tenta, muitas vezes, obter um efeito cómico pela justaposição da sátira com a realidade. O principal objectivo da sátira é político, social ou moral - e não cómico... O humor satírico tende, pois, para a sutileza e ironia.
- O plágio (diz-se também plagiarismo ou plagiato) é o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original. No acto de plágio, o plagiador apropria-se indevidamente da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria.
- <https://www.youtube.com/watch?v=Z0TERH8ushw>
- <https://www.youtube.com/watch?v=d5pP4a8VDIY>
- <https://www.youtube.com/watch?v=Usc9UxU2Tzo>
- <https://www.youtube.com/watch?v=e3t003-UKzI>



## **Letramento**

Magda Soares diz que: "Letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais."

## **Letramento e alfabetização**

Segundo a autora, ter aprendido a ler e a escrever é diferente de ter-se apropriado da escrita.

Aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita. É resultado da alfabetização, definida como ação de ensinar a ler e escrever.

Já apropriar-se da escrita é tornar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua "propriedade". É resultado do letramento, definido como ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita.

- Saber ler tem a ver com a linguagem não verbal também. Tem a ver com os gêneros discursivos...
- Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.
- Letramento é, portanto, "muito mais que alfabetização".
- Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Letramento é, portanto, "muito mais que alfabetização".

### **○ Alfabetizar e letrar, ações inseparáveis:**

Para a professora Magda Soares, alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

### **○ Alfabetizar e letrar, ações inseparáveis:**

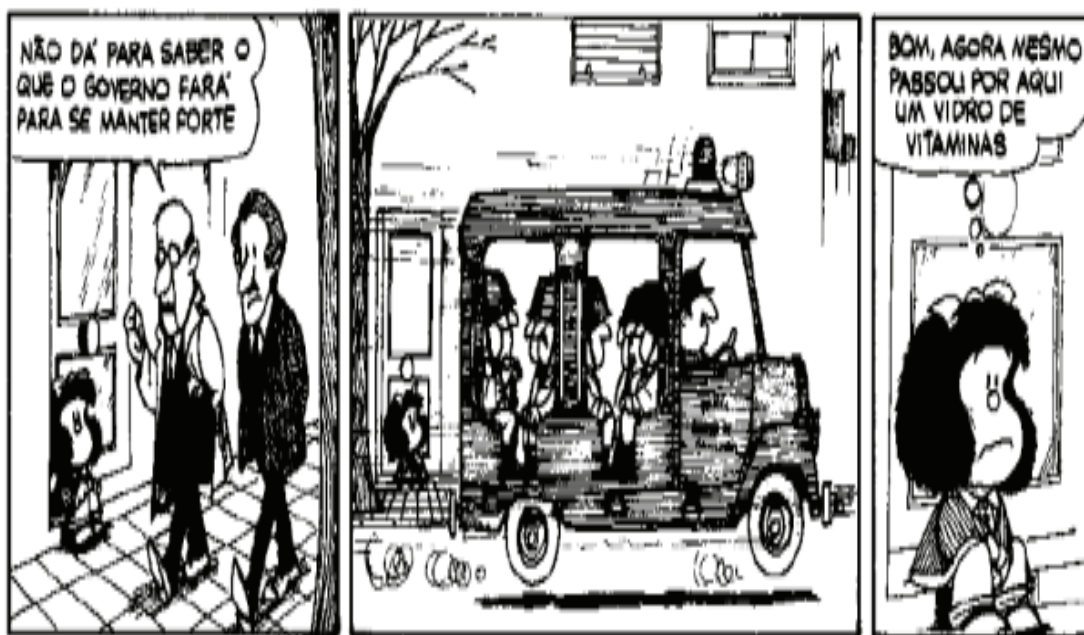
Para a professora Magda Soares, alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

### **Alfabetizar e letrar, ações inseparáveis:**

Para a professora Magda Soares, alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e

escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado

- Aceitar a possibilidade da aprendizagem da leitura e da escrita como simples codificação/ decodificação, significa negar a participação do sujeito que está se alfabetizando, seu papel ativo, no processo de aquisição das habilidades necessárias à leitura e escrita. Significa negar que ele está cercado por um mundo escrito sobre o qual pensa e, mais ainda, que uma vez decodificado lhe abre portas que ninguém mais pode fechar.
- Um adulto pode ser analfabeto e letrado?



Vemos dois senhores conversando sobre a incerteza do governo se manter forte. Mafalda sentada, no primeiro quadro, no canto da porta ouve a conversa com atenção. Logo, passa um carro na rua em alta velocidade, o que pode ser percebido pelos riscos no veículo e acima dele, a poeira deixada para trás, as rodas um pouco acima do chão, todos elementos indicando velocidade. Este carro por conter sirene, autofalante, e pessoas vestidas como militares, presume-se ser um carro de polícia, naquela época de militares que comandavam o país. A menina observa essa cena também com atenção. No final da tira, vemos um balão do pensamento em que Mafalda associa o veículo cheio de militares com um vidro de vitaminas, ou seja, algo que irá fortalecer o governo (mesmo que com a utilização da força bruta) e acabar com a incerteza que os senhores levantaram no primeiro quadro.



(Fernando Gonsales. *Cadê o ratinho do titio*. São Paulo: Devir, 2011, p. 26.)



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

### Romulo, o pedante 5

POR WILLIAN RAPHAEL SILVA



(Folha de S. Paulo, 22/7/2011.)



FERNANDES, Márica. **Exercícios de interpretação de texto**. Revisado em 21/04/18 Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/exercicios-de-interpretacao-de-texto/>. Acesso em 22 de maio de 2018.

Infelizmente não vou poder ir ao cinema 🙄🙄🙄🙄🙄🙄🙄🙄. Mas podemos ir outro dia 😊



09:04 ✓

Infelizmente não vou poder ir ao cinema 🙄. Mas podemos ir outro dia 🙌.

09:05 ✓





Você experimentou o bolo que eu fiz? 😊

09:06 ✓



Você experimentou o bolo que eu fiz? 😊

09:06 ✓

Distinção entre comunicação oral e escrita, variação e preconceito linguístico

O gerente de vendas recebeu o seguinte fax de um de seus vendedores viajantes:

- Seu Gomis, o cliente de Belzonti pediu mais quatrocenta pessa. Faz favor tomá providência! Abrasso, Nirso

Meia hora depois, outro fax.

- Seu Gomis, o relatório de venda vai chegar atrasado prumodi tanto fazendo mais uma venda. Temo que manda três mil pessa pro cliente de Sete Lagoa. Amanhã tá chegando o relatório. Abrasso, Nirso.

No dia seguinte...

- Seu Gomis, desculpa, eu não cheguei por causa de que segui direto pra Beraba e vendi mais dez mil pessa. Tô indo, indagando pra Brasília. Abrasso, Nirso.

No outro dia...

- Seu Gomis, Brasília fechou vinte mil pessa e tô indo indagando pra Florianópolis, onde visitei outro cliente bom de mais só, foi o cliente de Brasília que indicou e de lá pegou o avião praí. Abrasso, Nirso.

E assim foi o mês inteiro...

O gerente, **muito preocupado com a imagem da empresa**, resolveu levar o assunto e os faxes do Nirso para o Presidente da empresa. O Presidente o ouviu atentamente e prometeu providências. Redigiu, de próprio punho, um recado e mandou afixar no quadro de avisos da empresa.

A partir de hoje, nós todos vamos fazer feito o Nirso. Só preocupar menos em falar bonito e em escrever relatórios maravilhosos onde nós vendemos mais. Acinado: Prizidenti

Por que o gerente estava preocupado com a imagem da empresa?

Antigamente, o uso correto da língua (escrita ou oral) era o que estava na Gramática: “a arte de falar e escrever bem, corretamente”. (Correto x Incorreto)

Hoje, o uso “correto” da língua (escrita ou oral) é aquele que for adequado à situação, ao interlocutor e à intencionalidade do falante. (Adequado x Inadequado)

**Padrão Formal Culto** – situações que exigem maior formalidade, sempre tendo em conta o contexto e o interlocutor. Caracteriza-se pela seleção e combinação das palavras, pela adequação a um conjunto de normas, entre elas, a concordância, a regência, a pontuação, o emprego correto das palavras quanto ao significado, a



organização das orações e dos períodos, as relações entre termos, orações, períodos e parágrafos.

**Padrão Coloquial** – contextos informais, íntimos e familiares, que permitem maior liberdade de expressão. Esse padrão mais informal também é encontrado em propagandas, programas de televisão ou de rádio, etc.

Texto: Aí, Galera (Luis Fernando Veríssimo)

“Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo ‘estereotipação’? E, no entanto, por que não?

\_ Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

\_ Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

\_ Como é?

\_ Aí, galera.

\_ Quais são as instruções do técnico?

\_ Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo, com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos na desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

\_ Ahn?

\_ É pra dividir no meio e ir pra cima pra pega eles sem calça.

\_ Certo. Você quis dizer mais alguma coisa?

\_ Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

\_ Pode.

\_ Uma saudação para a minha progenitora.

\_ Como é?

\_ Alô, mamãe!

\_ Estou vendo que você é um, um...

\_ Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

\_ Estere o quê?

\_ Um chato?

\_ Isso.”

### **Língua falada ou linguagem oral:**

A fala apresenta como características uma maior liberdade no discurso, pois não necessita ser planejada; pode ser redundante; enfática; usando timbre, entonação e pausas de acordo com a retórica – estas características são representadas na língua escrita por meio de pontuações. Necessita-se de contato direto com o falante para que haja linguagem oral.

### **Língua escrita:**

A escrita mantém contato indireto entre escritor e leitor. Sendo mais objetiva, necessita de grande atenção e obediência às normas gramaticais, assim caracteriza-se por frases

completas, bem elaboradas e revisadas, explícitas, vocabulário distinto e variado, clareza no diálogo e uso de sinônimos. Devido a estes traços esta é uma linguagem conservadora aos padrões estabelecidos pelas regras gramaticais.

### Usos diferentes da língua

Todos nós falamos português. (Qual?)

- **Fatores regionais** (o dialeto é a variedade regional de uma língua. Quando as diferenças regionais não são suficientes para constituir um dialeto, utiliza-se os termos regionalismos ou falares para designá-las.)
- **Fatores culturais:** o grau de escolarização e a formação cultural de um indivíduo também são fatores que colaboram para os diferentes usos da língua. Uma pessoa escolarizada utiliza a língua de uma maneira diferente da pessoa que não teve acesso à escola.
- **Fatores contextuais:** exemplo, conversa com amigos x discurso em uma solenidade de formatura.
- **Fatores profissionais:** o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas **línguas técnicas** (exemplo: técnico de engenheiros, químicos, profissionais da área de direito e da informática, biólogos, médicos, linguistas e outros especialistas).
- **Fatores naturais:** o uso da língua pelos falantes sofre influência de fatores naturais, como idade e sexo.

### Nível coloquial-popular da fala:

é a fala que a maioria das pessoas utiliza no seu dia a dia, principalmente em situações informais. Esse nível da fala é mais espontâneo, ao utilizá-lo, não nos preocupamos em saber se falamos de acordo ou não com as regras formais estabelecidas pela língua.

### Nível formal-culto da fala:

é o nível da fala normalmente utilizado pelas pessoas em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e pela obediência às regras gramaticais estabelecidas pela língua.

**Gíria**, que são as palavras que entram e saem da moda, de tempos em tempos (ou modo de falar).

Mano não briga: arranja treta.

Mano não entende: se liga.

Mano não passeia: dá um rolê.

Mano não come: ranga.

Mano não fala: troca ideia

Mano não ouve música: curte um som.

### Jargão

Jargão é o modo de falar específico de um grupo, geralmente ligado à profissão. Existe, por exemplo, o jargão dos médicos, o jargão dos especialistas em informática, etc.

*"Em relação à dona Fabiana, o prognóstico é favorável no caso de pronta-suspensão do remédio."*

*"Bem, dona Fabiana, a senhora pode parar de tomar o remédio, sem problemas"*

<b>Diferenças existentes entre a língua falada e a escrita</b>	
<u>Língua Falada:</u>	<u>Língua Escrita:</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavra sonora;</li> <li>• Requer a presença dos interlocutores;</li> <li>• Ganha em vivacidade;</li> <li>• É espontânea e imediata;</li> <li>• Uso de palavras-curinga, de frases feitas;</li> <li>• É repetitiva e redundante;</li> <li>• O contexto extralinguístico é importante;</li> <li>• A expressividade permite prescindir de certas regras;</li> <li>• A informação é permeada de subjetividade e influenciada pela presença do interlocutor.</li> <li>• Recursos: signos acústicos e extralinguísticos, gestos, entorno físico e psíquico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Palavra gráfica</li> <li>• É mais objetiva.</li> <li>• É possível esquecer o interlocutor</li> <li>• É mais sintética.</li> <li>• A redundância é um recurso estilístico</li> <li>• Comunicação unilateral.</li> <li>• Ganha em permanência</li> <li>• Mais correção na elaboração das frases</li> <li>• Evita a improvisação</li> <li>• Pobreza de recursos não-linguísticos; uso de letras, sinais de pontuação</li> <li>• É mais precisa e elaborada.</li> <li>• Ausência de cacoetes linguísticos e vulgarismos</li> </ul>

O comentário a seguir é do humorista Jô Soares, para a revista Veja. Ele brinca com a diferença entre o português falado e escrito. Na verdade, em todas as línguas, as pessoas falam de um jeito e escrevem de outro. A fala e a escrita são duas modalidades diferentes da língua e é com esse fato que o Jô brincou.

"Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala."

Pois é. U português é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti discobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá sabi iscrevê.

Na língua escrita há mais exigências, em relação às regras da gramática normativa. Isso acontece porque, ao falar, as pessoas podem ainda recorrer a outros recursos para que a comunicação ocorra - pode-se pedir que se repita o que foi dito, há os gestos, etc. Já na linguagem escrita, a interação é mais complicada, o que torna necessário assegurar que o texto escrito dê conta da comunicação.

A escrita não reflete a fala individual de ninguém e de nenhum grupo social. Por essa razão, a fala e a escrita exigem conhecimentos diferentes. A maioria de nós, brasileiros, falamos, por exemplo, "Eli me ensinô". O português na variante padrão exige, no entanto, que se escreva assim: "Ele me ensinou". Essas diferenças geram muitos conflitos.

### **Preconceito linguístico**

É um preconceito social que distingue e separa classes sociais, estigmatizando ou prestigiando falantes da língua portuguesa brasileira. Para a linguística os chamados erros gramaticais não existem nas línguas naturais.

A língua falada e língua escrita são coisas totalmente diferentes.

### **Língua culta e coloquial** (PAVAN, Mayra Gabriella de Rezende)

A língua culta e a coloquial compõem o mesmo sistema, mas com características particulares. Conhecer isso é extremamente importante no momento da adequação linguística.

A linguagem é a capacidade que o homem possui de interagir com o seu semelhante por meio da palavra, oral ou escrita, gestos, expressões fisionômicas, imagens, notas musicais etc. O uso da linguagem sempre objetivará a produção de sentido, ou seja, o entendimento entre os interlocutores (parceiros no processo comunicativo). Para isso, o processo de adequação linguística é fundamental.

A linguagem não pode ser utilizada sempre da mesma forma, já que o contexto, os interlocutores e o objetivo da mensagem são alguns dos fatores que influenciam a forma como ela deverá ser usada. Ela também não deve ser classificada como certa ou errada, mas como adequada ou inadequada.

No processo de adequação da linguagem, além dos fatores já mencionados, diferenciar e caracterizar a língua culta e coloquial é imprescindível, pois a confusão entre elas causa prejuízos tanto para a produção textual quanto para a comunicação de forma geral. Acompanhe as características da língua coloquial e culta:

Língua coloquial:

- Variante espontânea;
- Utilizada em relações informais;
- Sem preocupações com as regras da gramática normativa;
- Presença de coloquialismos (expressões próprias da fala), tais como: pega leve, se toca, tá rolando etc.
- Uso de gírias;
- Uso de formas reduzidas ou contraídas (pra, cê, peraí, etc.)
- Uso de “a gente” no lugar de nós;
- Uso frequente de palavras para articular ideias (tipo assim, ai, então, etc.);

Língua culta:

- Usada em situações formais e em documentos oficiais;
- Maior preocupação com a pronúncia das palavras;
- Uso da norma culta;
- Ausência do uso de gírias;
- Variante prestigiada.

A língua coloquial, por ser descontraída, relaciona-se com a fala (língua oral), enquanto a culta, com a escrita.





### Antigamente

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugar nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete; depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. [...]

Em compensação, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo, vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do degas. Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau-para-toda-obra, o vira-casaca (este cuspiu no prato em que comera), o testa-de-ferro, o sabe-com-quem-está-falando, o sangue-de-barata, o Dr. Fiado que morreu ontem, o zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria-vai-com-as-outras... Depois de mil peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou simplesmente a bota, sem saber como descalçá-la.

Mas até aí morreu o Neves, e não foi no Dia de São Nunca de tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu?

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, 1320-1321)

A linguagem se altera de uma época para outra.

Termos e expressões, corriqueiros num determinado período, deixam de ser usados e tornam-se incompreensíveis em outro.

cair nos braços de Morfeu = dormir; debicar = zombar, gozar de; voltar aos penates = voltar para casa; mangar em = demorar; <i>smart</i> = elegante; liró = bem vestido; copo d'água = lanche oferecido aos amigos; convescote = piquenique; bilontra = velhaco; precipício = perigo; jogar com pau de dois bicos = defender ora uma, ora outra de duas idéias opostas, para agradar às duas partes; treteiro de topete = tratante atrevido; abrir o arco = fugir;	suco = coisa excelente; ficar na chuva = embriagar-se; pexote = inexperiente; aramé = dinheiro; supimpa = muito bom; degas = eu; pregar peta = mentir; biltre = vil, abjeto, infame; peralvilho = indivíduo vestido com apuro exagerado; salta-pocinha = indivíduo afetado; polaca = meretriz estrangeira; mequetrefe = patife; safardana = salafrário; fumo = faixa de crepe para luto.
--	---

Todas as línguas apresentam variantes, isto é, não são faladas da mesma maneira nos diversos lugares, nos distintos grupos sociais, nas diferentes épocas, nas diversas situações. As línguas não são unas. Muitos podem pensar que o fenômeno da variação ocorra apenas no Brasil. Atribuem isso ao fato de os brasileiros não amarem sua língua, serem desleixados com ela, não a conhecerem bem. Esse ponto de vista não passa de preconceito. A variação é inerente ao fenômeno lingüístico. Todas as línguas têm variantes, até mesmo os idiomas antigos.

O português e as demais línguas românicas (francês, italiano, espanhol, romeno, catalão, dalmático, sardo, rético, franco-provençal e provençal) provêm do latim vulgar (popular), uma variante bem distinta do latim culto.

A variação ocorre, porque a sociedade é dividida em grupos: uns habitam uma região, outros, outra; uns estão numa faixa etária, outros, noutra; uns pertencem a uma classe social, outros, a outra; uns têm uma profissão, outros, outra, e assim por diante.

O uso de uma dada variante lingüística confere uma identidade ao falante, porque o inclui num grupo social bem específico.

Ao longo de nosso aprendizado lingüístico, passamos a distinguir, a imitar, a julgar as diferentes variantes. Quando alguém fala, sabemos se ele é português ou brasileiro, gaúcho ou carioca, adolescente ou velho, identificamos a que grupo social pertence. Ao mesmo tempo, aprendemos que certas construções ou expressões podem ser usadas em situação informal de comunicação, mas não em situação formal. Há certas variantes que são tidas como certas e outras, erradas; algumas são consideradas elegantes e outras, feias. Há, pois, um julgamento social sobre elas.

A pronúncia e o vocabulário são os dois componentes da linguagem em que se manifesta com mais evidência o fenômeno da variação. No entanto, ele ocorre em todos os planos da linguagem:

s no final das sílabas

*tch e dj*

*exerço*

*lampa*

*Petropis*

*Fórfi*

vocaliza-se o *lh*: *muié, cuié, teia*

*percisa, pergunta, percurar, cardeneta, largato.*

*estudemos, escutemos, andemos*

*tu*, mas com verbo na 3ª pessoa;

*A menina que os olhos dela são azuis esteve aqui*

*os aluno, eles bebe muito; outrora*

Portugal, *camisola, bicha, miúdo, fatode-banho e cueca*

Brasil, *suéter, fila, menino, maiô e calcinha*

Diferentes fatores se entrecruzam. Assim, por exemplo, temos um falar carioca que se distingue de um baiano. Dentro de cada um desses falares regionais, temos uma variante popular e uma culta. Cada uma delas apresenta uma variante formal e uma informal, e assim por diante.

As variantes regionais são chamadas *diapóticas*.

mancarrão = diz-se do cavalo velho, manco;

aporreado = diz-se do cavalo mal domado ou indomável;

As variantes que marcam os diferentes grupos sociais são chamadas *diastráticas*.  
(norma culta e a variante popular) - prestígio x estigma

Aqui é bandido: Plínio Marcos. Atenção, malandrage! Eu num vô pedir nada, vô te dá um alô! Te liga aí: Aids é uma praga que rói até os mais fortes, e rói devagarinho. Deixa o corpo sem defesa contra a doença. Quem pegá essa praga está ralado de verde e amarelo, de primeiro ao quinto, e sem vaselina. Num tem dotô que dê jeito, nem reza brava, nem choro, nem vela, nem ai, Jesus. Pegou Aids, foi pro brejo! Agora sente o aroma da perpétua: Aids pega pelo esperma e pelo sangue, entendeu?, pelo esperma e pelo sangue! (pausa)

Eu num tô te dando esse alô pra te assombrá, então se toca! Não é porque tu tá na tranca que virou anjo. Muito pelo contrário, cana dura deixa o cara ruim! Mas é preciso que cada um se cuide, ninguém pode valê pra ninguém nesse negócio de Aids. Então, já viu: transá, só de acordo com o parceiro, e de camisinha!

Agora, tu aí que é metido a esculachá os outros, metido a ganhá o companheiro na força bruta, na congesta! Pára com isso, tu vai acaba empestado! Aids num toma conhecimento de macheza, pega pra cá, pega em home, pega em bicha, pega em mulhé, pega em roçadeira!

(Vídeo exibido na Casa de Detenção de São Paulo. Agência: Adag; Realização: TV Cultura, 1988)

Esse texto falado por Plínio Marcos trata o problema da Aids de maneira realista, sem qualquer idealização. Pretende ele levar os presos a usar camisinha em todas as relações sexuais, a não ter relações sem consentimento do parceiro e a não usar droga injetável.

Para dar **eficácia** ao texto, usa-se a variedade lingüística dos destinatários: variante não-culta

A variação diafásica: situação de comunicação

situação informal (um bate-papo com os amigos) (coloquial)

situação formal (uma audiência com o Presidente da República)

Muitas pessoas dizem que a língua está em decadência, porque não se observam mais certos padrões tidos por clássicos. Línguas não declinam, mudam. As variações no tempo são denominadas *diacrônicas*.

Exemplo de português 1189:

No mundo non me sei parella,*	<i>não sei quem se compare a mim</i>
mentre* me for'como me vay	<i>enquanto</i>
ca já moiro por vos – e ay!	
mia senhor branca e vermelha*	<i>alva e de faces rosadas</i>
queredes que vos retraya*	<i>retrate, represente</i>
quando vus eu vi en saya!*	<i>sem manto</i>

## Modalidades escrita e falada

A escrita não é uma simples transcrição da fala.

São duas modalidades distintas.

Quando lemos, por exemplo, um texto previamente escrito, temos manifestação oral da linguagem, mas não temos a construção de um texto falado.

Quando se produz um texto, ele é produzido para alguém, que é seu receptor. O texto falado é recebido ao mesmo tempo que é elaborado. Enquanto o emissor vai construindo o texto, o receptor vai ouvindo-o. Na escrita, é diferente, pois o texto é lido só depois de ter sido escrito, depois de estar pronto. Dessa característica resultam várias distinções entre um texto escrito e um texto falado.

Na fala, não é preciso explicar ao interlocutor a que o emissor se refere, quando diz *eu, aqui, agora, ontem hoje, lá, ele*, etc. O sentido desses elementos lingüísticos é retirado da própria situação de interlocução.

Por outro lado, o receptor entende os sentidos que se referem à situação. Se alguém diante do carro parado, com o capô aberto, diz: *Droga! Mandeí ver o motor semana passada*, não precisa explicar que se trata do *motor* do carro. Da mesma forma, se isso for dito diante da enceradeira, a referência do termo motor será outra.

Como a comunicação na escrita se dá fora da situação de interlocução, é preciso **recriar** a cena enunciativa, a situação, para que o receptor compreenda quem está falando, que dia é que foi mencionado como *ontem*, quais são as referências situacionais dos sentidos.

Mesmo quando nela se cria um diálogo, trata-se de uma simulação e não de um diálogo real com suas interrupções, superposições de vozes, tentativa de segurar a palavra, marcas da presença do outro, etc.

Na fala, o planejamento e a execução do texto são concomitantes. Por isso, o texto falado caracteriza-se por um grande número de pausas, frases truncadas, repetições, correções, períodos começados e abandonados para iniciar outro, desvios, voltas, acelerações. O texto escrito não apresenta marcas de planejamento e de execução. O produto é apresentando pronto ao leitor e não em elaboração como na fala.

Na fala, empregam-se períodos mais curtos e mais simples. Na escrita, eles são mais longos e complexos. Nesta, usam-se mais orações subordinadas.

As unidades de sentido de um texto escrito são os parágrafos, os capítulos, etc. No texto falado, são os turnos (intervenção de cada falante) e os tópicos (assuntos de que se fala).

Na fala, há um grande envolvimento do interlocutor no texto do outro.

Ele colabora em sua elaboração, participa dela com sugestões, diz que compreendeu, assente na continuação, etc. Há uma série de marcadores conversacionais que servem para indicar esse envolvimento do interlocutor: *hum, hum!, certo!, claro!, ah, sim!.* O falante monitora o acompanhamento do interlocutor (por exemplo, *você está me entendendo?*). Essa participação do interlocutor é tão intrínseca ao texto falado que,



quando, por exemplo, se fala ao telefone e a outra pessoa não diz nada, imediatamente se lhe pergunta: *alô, você está ouvindo?* No texto escrito, não há esse envolvimento da parte de um interlocutor.

*certo/errado - adequado/inadequado.*

Cada variante é mais adequada para uma determinada situação de interlocução.

Um bom falante da língua é o que sabe usar a variante adequada à situação de comunicação.

É tão inadequado dizer, num bate-papo de botequim, *Fi-lo ao meu alvedrio*, quanto, num depoimento na Câmara dos Deputados, afirmar *Fiz prunque me deu na teia*.

O lingüista romeno Coseriu dizia que um bom falante é um “poliglota” em sua própria língua.

O trecho a seguir foi transcrito de um debate:

Estudando o Mário, eu descobri que o Mário foi um exemplo do cara que morreu de amor, mas de amor pelo seu povo, pelo seu país, pela sua cultura. (...) Um outro cara que eu também fiz um filme é o Câmara Cascudo. Um cara como o Câmara Cascudo morre, os jornais dão uma notinha desse tamanhinho, escondidinho, um cara que deveria ter estátua em praça pública, devia ser lido, recitado.

A linguagem publicitária, no intuito de seduzir o potencial comprador do produto anunciado, costuma fazer uso da variante lingüística típica desse grupo de consumidores. É o que ocorre com o texto que segue, dirigido para a grande massa de vestibulandos de todo o país, jovens predominantemente enquadrados na faixa etária entre 17 e 19 anos.

Brother, dentro dessa nova edição do Vestibular 500 Testes tem tudo para que o próximo vestibla role na maior. Só de português são 80 questões, sendo 50 testes e 30 escritas. Fora as questões de física, química, biologia, história, geografia, matemática e inglês. Ah, tem uma lista de livros e uma série de dicas que você precisa ficar por dentro antes de encarar os exames. Vestibular 500 Testes, especial do Guia do Estudante. Desencana, brother. Vestibular agora é manha.  
(*Veja*, São Paulo, 23.10.91, p. 13)

Você vai supor que o mesmo tipo de anúncio publicitário queira atingir os candidatos ao exame de admissão ao Curso de Preparação à Carreira Diplomática do Instituto Rio Branco. Promovendo as adaptações necessárias tanto no conteúdo quanto na forma de linguagem, redija um texto análogo.

---

---

---

No texto que segue, ocorre a exploração curiosa de uma variante lingüística: o produtor do texto veste a máscara lingüística de um grupo social, com o propósito de ridicularizá-

lo. Trata-se de um falante da variante culta do português que, com intenção de parodiar, simula o uso de uma variante típica de grupos jovens urbanos pouco afeitos ao conhecimento da cultura erudita.

MASSA!

Pô Erundina, massa! Agora que o maneiro Cazuza virou nome num pedaço aqui na Sampa, quem sabe tu te anima e acha aí um point pra botá o nome de Magdalena Tagliaferro, Cláudio Santoro, Jaques Klein, Edoardo de Guarnieri, Guiomar Novaes, João de Souza Lima, Armando Belardi e Radamés Gnattali. Esses caras não foi cruner de banda a la ‘Togloditas do Sucesso’, mas se a tua moçada não manjar quem eles foi dá um look aí na Enciclopédia Britânica ou no Groves International e tu vai sacá que o astral do século 20 musical deve muito a eles. Júlio Medaglia, di-jei do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (São Paulo, SP)  
(“Painel do Leitor”, Folha de São Paulo, 4.10.90)

Você vai inverter a orientação argumentativa do texto, isto é, criticar o elitismo da posição do maestro Júlio Medaglia, alegando que – ao lado dos grandes nomes da música brasileira – também merecem espaço os seus representantes populares. Quanto à variante lingüística, você vai fazer o avesso do que fez o maestro, isto é, simular o uso de uma variante lingüística afetada e preciosista com intenção de parodiá-la.

---

---

---

O uso da variante lingüística culta de maneira afetada e pedante produz efeitos tão adversos quanto o seu uso descuidado e negligente. Na Literatura, não tem sido incomum a construção de personagens que falam excessivamente empolado, caracterizando-se, por isso, como figuras caricatas. É o que ocorre com Aldrovando no conhecido conto de Monteiro Lobato “O Colocador de Pronomes”. O trecho que segue é parte de um ofício que Aldrovando remete ao Congresso, pedindo leis repressivas contra os desacatos às normas do idioma.

– Leis, Senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcáçares de granito prepostos à defesa do idioma. Mister sendo, a força se restaure, que mais o barão merece quem conspurca o patrimônio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira. Vede, Senhores, os pronomes que lazeira jazem...

(Monteiro Lobato, *Textos escolhidos*. Por José Carlos Barbosa Moreira. 3 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1977, p. 100 – Coleção Nossos Clássicos – vol. 65)

Procure reescrever o trecho de Aldrovando, usando a linguagem culta mas sem afetação, de modo que ela possa ser compreendida sem esforço pelos habituais leitores dos nossos grandes jornais.

---

---

---

Há circunstâncias de comunicação que, dada a solenidade que envolvem, exigem um uso mais cuidadoso e apurado da linguagem. Falar em público é uma dessas

ocasiões, como foi o caso do reeducando do grande presídio do Carandiru em São Paulo, incumbido de fazer a apresentação de um “show” da atriz Rita Cadillac.

Prezados reeducandos deste estabelecimento penal o humilde locutor que vos dirige o verbo tem a honra de anunciar esta grande artista figurativa da televisão. Musa indomável da arte dançarina. Aquela que foi a bailarina *crooner* do imprezível Chacrinha, que Deus o tenha. Nesse momento festivo, convido para adentrar ao palco a madrinha da Casa de Detenção: Rita Cadillac!  
(VARELA, Dráuzio. *Estação Carandiru*. São Paulo. Companhia das Letras, 1999, pág. 77)

- a) O uso da variante lingüística escolhida pelo reeducando foi apropriada? Comente sua resposta.
- b) Reescreva o trecho, fazendo as adaptações lingüísticas exigidas pela situação.

---

---

---

Diga se a linguagem está incoerente ou coerente com a situação:

1. Ana e Paula são colegas de trabalho e amigas. Ana deixa o seguinte recado no whatsapp para Paula: “Bom diaaaa Paula, avisa o chaaaaato do chefe que vou ter que sair mais cedo, afff”. .....
2. Bilhete para um amigo: “Venho através deste presente instrumento de papel indagar se na data 25/08 irá ocorrer ao tal celebração, conversada previamente.” .....
3. Dois amigos conversando na frente de uma grande empresa: “E aí, beleza? Seguinte, tô querendo um trampo aqui onde cê travaia!” .....
4. Em uma prova de faculdade, o enunciado diz: “Na questão abaixo, está detalhado um gráfico onde vc pode identificar o erro, ponhando sua avaliação quanto a ser verdadeiro ou falso.” .....
5. Entra um cliente em um botequim simples e humilde dizendo: “Bom dia, senhor! Pretendo consumir no seu estabelecimento uma cerveja aprazível ao meu paladar.” .....
6. Entrevista de emprego de uma grande empresa: “E aí, beleza? Seguinte, tô querendo um trampo aqui!” .....
7. Mensagem de whatsapp entre amigos: “Caro amigo Eduardo Santanda, gostaria de lhe informar por meio desta mensagem que não comparecerei ao jogo de futebol esta semana, pois minha esposa precisa participar de uma palestra e levá-la-ei de automóvel.” .....
8. O empregado enviando um ofício ao seu chefe de uma grande firma: “Será que o ceis pode me dá um aumento? Aconteceu uns bagulho loko lá em casa, e preciso de dinheiro” .....
9. Recado em um pedaço de papel de uma mulher para seu esposo: “Queridíssimo esposo, estou me dirigindo a nossa casa no litoral, retornarei amanhã pela manhã. Ósculos e amplexos, eu o amo!” .....
10. Trabalho de conclusão de curso: “Nós fizemo esse trabalho com a maior resposta, com muito suor, na esperança de que ele contribua pra algo de bom.” .....

11. Três amigas conversando em um bar: Maria “Queridas companheiras, estou com um pensamento pertinente em minha mente, o qual se trata de o meu cônjuge possuir desejos homossexuais.” Joana “Mas por qual motivo? Vocês mantêm um relacionamento há algumas primaveras e somente agora essa indagação? Acho que está equivocada.” Ana “Ao meu ver, sempre existiu essa hipótese, porém nunca tive o atrevimento de questionar-lhe.” .....
12. Um convite por e-mail do chefe aos seus funcionários: “É com grande honra que anuncio, que nesta sexta-feira, dia 07 de julho de 2016, ocorrerá um jantar de inauguração da nossa empresa filial. Conto com a presença de todos.” .....
13. Um homem fala para o balconista do bar, que sempre costuma lhe atender, na esquina de sua casa: “Boa noite, senhor, por gentileza poderia me fornecer uma taça de um de seus mais conceituados e recomendados vinhos para minha degustação e, logo em seguida, desaparecer da minha retina diária e cansativa?” .....
14. Um professor doutor em português lecionando para uma turma de pós-graduação, diz: “Aí, galera, o trabalho de portugueses fica pro mês que vem, falou?” .....
15. Uma conversa durante uma confraternização com amigos, em um pequeno barzinho: “Ô gente, que horas vamo jogá baralho?” .....
16. Uma mensagem de whatsapp entre amigos: “Cara, vem aqui em casa hj, tenho q te dar o convite. Valeu!” .....

Há duas modalidades de língua: a língua falada e a língua escrita. Em cada uma delas, podemos utilizar a linguagem coloquial ou culta (norma não padrão e norma padrão). Dê um exemplo para cada possibilidade, ocorrendo um uso inadequado.

---

---

---

### Exercício sobre intertextualidade:

Imagine que você precisa mandar um e-mail para um amigo explicando por que você não vai mais assistir ao jogo com ele, utilizando alguma passagem em que contenha intertextualidade com algum **filme** que você já assistiu. Tente deixar o mais implícito possível.

---

---

---

**(Enem 2012 - Segundo Dia)** “Ele era o inimigo do rei”, nas palavras de seu biógrafo, Lira Neto. Ou, ainda, “um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil”. Assim era José de Alencar (1829-1877), o conhecido autor de *O guarani* e *Iracema*, tido como o pai do romance no Brasil.

Além de criar clássicos da literatura brasileira com temas nativistas, indianistas e históricos, ele foi também folhetinista, diretor de jornal, autor de peças de teatro, advogado, deputado federal e até ministro da Justiça. Para ajudar na descoberta das



múltiplas facetas desse personagem do século XIX, parte de seu acervo inédito será digitalizada.

História Viva, n.º 99, 2011.

Com base no texto, que trata do papel do escritor José de Alencar e da futura digitalização de sua obra, depreende-se que

- a) a digitalização dos textos é importante para que os leitores possam compreender seus romances.
- b) o conhecido autor de O guarani e Iracema foi importante porque deixou uma vasta obra literária com temática atemporal.
- c) a divulgação das obras de José de Alencar, por meio da digitalização, demonstra sua importância para a história do Brasil Imperial.
- d) a digitalização dos textos de José de Alencar terá importante papel na preservação da memória linguística e da identidade nacional.
- e) o grande romancista José de Alencar é importante porque se destacou por sua temática indianista.

Alternativa d: a digitalização dos textos de José de Alencar terá importante papel na preservação da memória linguística e da identidade nacional.

**(Enem 2012 - Segundo Dia)** A substituição do haver por ter em construções existenciais, no português do Brasil, corresponde a um dos processos mais característicos da história da língua portuguesa, paralelo ao que já ocorrera em relação à aplicação do domínio de ter na área semântica de “posse”, no final da fase arcaica.

Mattos e Silva (2001:136) analisa as vitórias de ter sobre haver e discute a emergência de ter existencial, tomando por base a obra pedagógica de João de Barros. Em textos escritos nos anos quarenta e cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de ter “existencial”, não mencionado pelos clássicos estudos de sintaxe histórica, quanto de haver como verbo existencial com concordância, lembrado por Ivo Castro, e anotado como “novidade” no século XVIII por Said Ali.

Como se vê, nada é categórico e um purismo estreito só revela um conhecimento deficiente da língua. Há mais perguntas que respostas. Pode-se conceber uma norma única e prescritiva? É válido confundir o bom uso e a norma com a própria língua e dessa forma fazer uma avaliação crítica e hierarquizante de outros usos e, através deles, dos usuários? Substitui-se uma norma por outra?

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado, In: Cadernos de Letras da UFF, n.º 36, 2008. Disponível em: [www.uff.br](http://www.uff.br). Acesso em: 26 fev. 2012 (adaptado).

Para a autora, a substituição de “haver” por “ter” em diferentes contextos evidencia que

- a) o estabelecimento de uma norma prescinde de uma pesquisa histórica.
- b) os estudos clássicos de sintaxe histórica enfatizam a variação e a mudança na língua.
- c) a avaliação crítica e hierarquizante dos usos da língua fundamenta a definição da norma.
- d) a adoção de uma única norma revela uma atitude adequada para os estudos linguísticos.
- e) os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

Alternativa e: os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

**(ETEC - 2017/1)** "Em um mundo marcado por conflitos em diferentes regiões, as operações de manutenção da paz das Nações Unidas são a expressão mais visível do compromisso solidário da comunidade internacional com a promoção da paz e da segurança.

Embora não estejam expressamente mencionadas na Carta da ONU, elas funcionam como instrumento para assegurar a presença dessa organização em áreas conflagradas, de modo a incentivar as partes em conflito a superar suas disputas por meio pacífico – razão pela qual não devem ser vistas como forma de intervenção armada."

Acesso em: 26.08.2016. Adaptado.

Historicamente, o Brasil envia soldados para participar de operações de paz. Em 2004, foi criada pelo Conselho de Segurança da ONU a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah).

De acordo com o texto, essa missão foi criada para

- a) restabelecer a segurança e normalidade institucional do Haiti após sucessivos episódios de turbulência política e de violência, que marcaram esse país no início do século XXI.
- b) atacar os garimpos ilegais de diamantes no interior do Haiti, que usavam mão de obra infantil nas minas onde esse minério é encontrado.
- c) combater o narcotráfico comandado pelo Cartel de Medellin, que a partir do Haiti distribuía drogas para todos os países da América Latina.
- d) acabar com os problemas ambientais crônicos no Haiti, pois esse país era o principal responsável pela poluição ambiental no Caribe.
- e) extinguir a rede de trabalho escravo existente no Haiti, que utilizava esse tipo de mão de obra nas plantações de soja e trigo.

Alternativa a: restabelecer a segurança e normalidade institucional do Haiti após sucessivos episódios de turbulência política e de violência, que marcaram esse país no início do século XXI.

**(Fuvest 2013 - Primeira Fase)** A essência da teoria democrática é a supressão de qualquer imposição de classe, fundada no postulado ou na crença de que os conflitos e problemas humanos – econômicos, políticos, ou sociais – são solucionáveis pela educação, isto é, pela cooperação voluntária, mobilizada pela opinião pública esclarecida. Está claro que essa opinião pública terá de ser formada à luz dos melhores conhecimentos existentes e, assim, a pesquisa científica nos campos das ciências naturais e das chamadas ciências sociais deverá se fazer a mais ampla, a mais vigorosa, a mais livre, e a difusão desses conhecimentos, a mais completa, a mais imparcial e em termos que os tornem acessíveis a todos.

(Anísio Teixeira, Educação é um direito. Adaptado.)

No trecho “chamadas ciências sociais”, o emprego do termo “chamadas” indica que o autor

- a) vê, nas “ciências sociais”, uma panaceia, não uma análise crítica da sociedade.
- b) considera utópicos os objetivos dessas ciências.
- c) prefere a denominação “teoria social” à denominação “ciências sociais”.

- d) discorda dos pressupostos teóricos dessas ciências.
- e) utiliza com reserva a denominação “ciências sociais”.

Alternativa e: utiliza com reserva a denominação “ciências sociais”.

**(Unesp 2010 - 1ª fase)**

**Texto 1**

Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas: ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. Se, de fato, não há sensação alguma, mas é como um sono, a morte seria um maravilhoso presente. [...] Se, ao contrário, a morte é como uma passagem deste para outro lugar, e, se é verdade o que se diz que lá se encontram todos os mortos, qual o bem que poderia existir, ó juízes, maior do que este? Porque, se chegarmos ao Hades, libertando-nos destes que se vangloriam serem juízes, havemos de encontrar os verdadeiros juízes, os quais nos diria que fazem justiça acolá: Monos e Radamante, Éaco e Triptolemo, e tantos outros deuses e semideuses que foram justos na vida; seria então essa viagem uma viagem de se fazer pouco caso? Que preço não seríeis capazes de pagar, para conversar com Orfeu, Museu, Hesíodo e Homero?

(Platão. Apologia de Sócrates, 2000.)

**Texto 2**

Ninguém sabe quando será seu último passeio, mas agora é possível se despedir em grande estilo. Uma 300C Touring, a versão perua do sedã de luxo da Chrysler, foi transformada no primeiro carro funerário customizado da América Latina. A mudança levou sete meses, custou R\$ 160 mil e deixou o carro com oito metros de comprimento e 2 340 kg, três metros e 540 kg além da original. O Funeral Car 300C tem luzes piscantes na já imponente dianteira e enormes rodas, de aro 22, com direito a pequenos caixões estilizados nos raios. Bandeiras nas pontas do capô, como nos carros de diplomatas, dão um toque refinado. Com o chassi mais longo, o banco traseiro foi mantido para familiares acompanharem o cortejo dentro do carro. No encosto dos dianteiros, telas exibem mensagens de conforto. O carro faz parte de um pacote de cerimonial fúnebre que inclui, além do cortejo no Funeral Car 300C, serviços como violinistas e revoada de pombas brancas no enterro.

(Funeral tunado. Folha de S.Paulo, 28.02.2010.)

Confrontando o conteúdo dos dois textos, pode-se afirmar que:

- a) embora os dois textos transmitam concepções divergentes acerca da morte, eles tratam de visões concernentes à mesma época, a saber, a sociedade atual.
- b) sob o ponto de vista filosófico, não há diferenças qualitativas entre uma e outra concepção sobre a morte.
- c) os comentários do texto grego sobre a morte são coerentes com uma filosofia de forte valorização do corpo em detrimento da alma, e do mundo sensível sobre o mundo inteligível.
- d) o texto de Platão evidencia uma cultura monoteísta, enquanto que o segundo é politeísta.
- e) enquanto no primeiro texto transparece a dignidade metafísica da morte, no segundo sugere-se a conversão do funeral em espetáculo da sociedade de consumo.

Alternativa e: enquanto no primeiro texto transparece a dignidade metafísica da morte, no segundo sugere-se a conversão do funeral em espetáculo da sociedade de consumo.

**(Enem - 2013)**

**Adolescentes: mais altos, gordos e preguiçosos**

A oferta de produtos industrializados e a falta de tempo têm sua parcela de responsabilidade no aumento da silhueta dos jovens. “Os nossos hábitos alimentares, de modo geral, mudaram muito”, observa Vivian Ellinger, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), no Rio de Janeiro. Pesquisas mostram que, aqui no Brasil, estamos exagerando no sal e no açúcar, além de tomar pouco leite e comer menos frutas e feijão.

Outro pecado, velho conhecido de quem exhibe excesso de gordura por causa da gula, surge como marca da nova geração: a preguiça. “Cem por cento das meninas que participam do Programa não praticavam nenhum esporte”, revela a psicóloga Cristina Freire, que monitora o desenvolvimento emocional das voluntárias.

Você provavelmente já sabe quais são as consequências de uma rotina sedentária e cheia de gordura. “E não é novidade que os obesos têm uma sobrevida menor”, acredita Claudia Cozer, endocrinologista da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. Mas, se há cinco anos os estudos projetavam um futuro sombrio para os jovens, no cenário atual as doenças que viriam na velhice já são parte da rotina deles. “Os adolescentes já estão sofrendo com hipertensão e diabetes”, exemplifica Claudia.

DESGUALDO, P. Revista Saúde. Disponível em: <http://saude.abril.com.br>. Acesso em: 28 jul. 2012 (adaptado).

Sobre a relação entre os hábitos da população adolescente e as suas condições de saúde, as informações apresentadas no texto indicam que

- a) a falta de atividade física somada a uma alimentação nutricionalmente desequilibrada constituem fatores relacionados ao aparecimento de doenças crônicas entre os adolescentes.
- b) a diminuição do consumo de alimentos fontes de carboidratos combinada com um maior consumo de alimentos ricos em proteínas contribuíram para o aumento da obesidade entre os adolescentes.
- c) a maior participação dos alimentos industrializados e gordurosos na dieta da população adolescente tem tornado escasso o consumo de sais e açúcares, o que prejudica o equilíbrio metabólico.
- d) a ocorrência de casos de hipertensão e diabetes entre os adolescentes advém das condições de alimentação, enquanto que na população adulta os fatores hereditários são preponderantes.
- e) a prática regular de atividade física é um importante fator de controle da diabetes entre a população adolescente, por provocar um constante aumento da pressão arterial sistólica.

Alternativa a: a falta de atividade física somada a uma alimentação nutricionalmente desequilibrada constituem fatores relacionados ao aparecimento de doenças crônicas entre os adolescentes.

**(UERJ - 2016)**



A última fala da tirinha causa um estranhamento, porque assinala a ausência de um elemento fundamental para a instalação de um tribunal: a existência de alguém que esteja sendo acusado.

Essa fala sugere o seguinte ponto de vista do autor em relação aos usuários da internet:

- a) proferem vereditos fictícios sem que haja legitimidade do processo
- b) configuram julgamentos vazios ainda que existam crimes comprovados
- c) emitem juízos sobre os outros mas não se veem na posição de acusados
- d) apressam-se em opiniões superficiais mesmo que possuam dados concretos

Alternativa c: emitem juízos sobre os outros mas não se veem na posição de acusados

Leia esse texto, mais uma crônica de Millôr Fernandes, e responda:

### **Cão! Cão! Cão!**

Abriu a porta e viu o amigo que há tanto não via. Estranhou apenas que ele, amigo, viesse acompanhado de um cão. O cão não muito grande mas bastante forte, de raça indefinida, saltitante e com um ar alegremente agressivo. Abriu a porta e cumprimentou o amigo, com toda efusão. "Quanto tempo!". O cão aproveitou as saudações, se embaraфustou casa adentro e logo o barulho na cozinha demonstrava que ele tinha quebrado alguma coisa.

O dono da casa encompridou um pouco as orelhas, o amigo visitante fez um ar de que a coisa não era com ele. "Ora, veja você, a última vez que nos vimos foi..." "Não, foi depois, na..." "E você, casou também?" O cão passou pela sala, o tempo passou pela conversa, o cão entrou pelo quarto e novo barulho de coisa quebrada. Houve um sorriso amarelo por parte do dono da casa, mas perfeita indiferença por parte do visitante. "Quem morreu definitivamente foi o tio... você se lembra dele?" "Lembro, ora, era o que mais... não?"

O cão saltou sobre um móvel, derrubou o abajur, logo trepou com as patas sujas no sofá (o tempo passando) e deixou lá as marcas digitais de sua animalidade. Os dois amigos, tensos, agora preferiam não tomar conhecimento do dogue. E, por fim, o visitante se foi. Se despediu, efusivo como chegara, e se foi. Se foi.

Mas ainda ia indo, quando o dono da casa perguntou: "Não vai levar o seu cão?" "Cão? Cão? Cão? Ah, não! Não é meu, não. Quando eu entrei, ele entrou naturalmente comigo e eu pensei que fosse seu. Não é seu, não?"

Moral: Quando notamos certos defeitos nos amigos, devemos sempre ter uma conversa esclarecedora.



1) Por que o amigo visitante não se manifestou ao perceber que o cão tinha partido algo na cozinha?

Porque não se sentia à vontade para comentar o estrago feito pelo cão, que julgava ser do dono da casa.

2) Por que os amigos estavam tensos?

Em decorrência dos estragos que o cão estava fazendo.

3) O que significa “sorriso amarelo” e por que o dono sorriu dessa forma?

Significa um sorriso sem vontade ou falso. O dono sorriu assim porque não queria brigar com o amigo por causa do cão, mas estava perdendo a paciência com a situação.

4) Quem é o dono do cão?

Não sabemos.

5) O que torna a crônica engraçada?

O fato de os amigos não falarem sobre o comportamento do cão porque cada um achava que o cão pertencia ao outro amigo e não queriam se desentender por conta disso.

FERNANDES, Márica. **Exercícios de interpretação de texto**. Revisado em 21/04/18 Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/exercicios-de-interpretacao-de-texto/>. Acesso em 22 de maio de 2018.

**(Enem – 2003)**



Operários, 1933, óleo sobre tela, 150x205 cm, (P122), Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

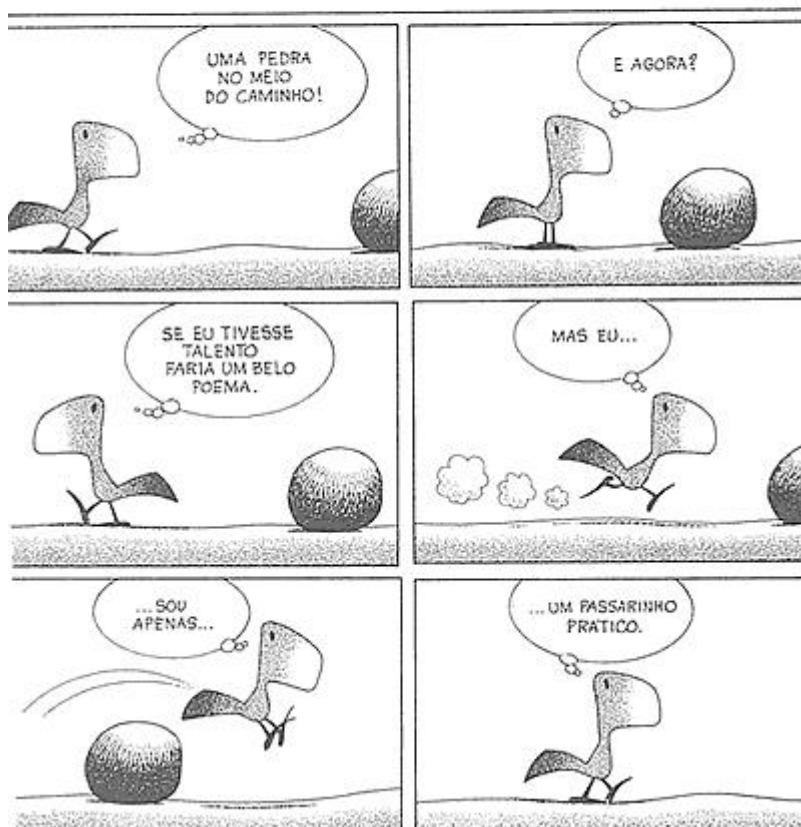
*Desiguais na fisionomia, na cor e na raça, o que lhes assegura identidade peculiar, são iguais enquanto frente de trabalho. Num dos cantos, as chaminés das indústrias se alçam verticalmente. No mais, em todo o quadro, rostos colados, um ao lado do outro, em pirâmide que tende a se prolongar infinitamente, como mercadoria que se acumula, pelo quadro afora.*

**(Nádia Gotlib. *Tarsila do Amaral, a modernista.*)**

O texto aponta no quadro de Tarsila do Amaral um tema que também se encontra nos versos transcritos em:

- a) "Pensem nas meninas/ Cegas inexatas/ Pensem nas mulheres/ Rotas alteradas." (Vinícius de Moraes)
- b) "Somos muitos severinos/ iguais em tudo e na sina:/ a de abrandar estas pedras/ suando-se muito em cima." (João Cabral de Melo Neto)
- c) "O funcionário público não cabe no poema/ com seu salário de fome/ sua vida fechada em arquivos." (Ferreira Gullar)
- d) "Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo." (Fernando Pessoa)
- e) "Os inocentes do Leblon/ Não viram o navio entrar (...)/ Os inocentes, definitivamente inocentes/ tudo ignoravam,/ mas a areia é quente, e há um óleo suave que eles passam pelas costas, e aquecem." (Carlos Drummond de Andrade)

Alternativa **"b"**. No quadro *Operários*, de Tarsila do Amaral, a linguagem extralinguística sugere que a diversidade individual é desconsiderada pelo conceito de igualdade de condição de trabalho e, conseqüentemente, desconsiderada na vida. A mesma sugestão pode ser encontrada nos versos de João Cabral de Melo Neto, pois na fala do protagonista podemos observar a dissolução da individualidade dos nordestinos no trabalho de lavar a terra. A intertextualidade configura-se por meio do diálogo existente entre a tela de Tarsila e o trecho do livro de João Cabral de Melo Neto.



A intertextualidade pode ser encontrada nos diversos gêneros textuais, inclusive nas histórias em quadrinhos

O cartum *Vida de Passarinho*, do cartunista *Caulos*, estabelece um interessante diálogo com um famoso texto-fonte de nossa literatura. Assinale a alternativa que cita esse texto-fonte:

- Canção do exílio*, de Gonçalves Dias.
- Erro de português*, de Oswald de Andrade.
- No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade.
- Não há vagas*, de Ferreira Gullar.
- José*, de Carlos Drummond de Andrade.

Texto I

***“Mulher, Irmã, escuta-me: não ames,  
Quando a teus pés um homem terno e curvo  
jurar amor; chorar pranto de sangue,  
Não creias, não, mulher: ele te engana!  
as lágrimas são gotas de mentira  
E o juramento manto da perfídia”.***

## Joaquim Manoel de Macedo

### Texto II

*"Teresa, se algum sujeito bancar o  
sentimental em cima de você  
E te jurar uma paixão do tamanho de um  
bonde  
Se ele chorar  
Se ele ajoelhar  
Se ele se rasgar todo  
Não acredite não Teresa  
É lágrima de cinema  
É tapeação  
Mentira  
CAI FORA*

**Manuel Bandeira**

(Enem) Os autores, ao fazerem alusão às imagens da lágrima, sugerem que:

- a) Há um tratamento idealizado da relação homem/mulher.
- b) Há um tratamento realista da relação homem/mulher.
- c) A relação familiar é idealizada.
- d) A mulher é superior ao homem.
- e) A mulher é igual ao homem.

Letra b

*Canção do Exílio  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
[...]*

**Gonçalves Dias**

*Canção do Exílio facilitada  
lá?  
ah!  
sabiá...  
papá...  
maná...  
sofá...*

*sinhá...  
cá?  
bah!*

*José Paulo Paes  
Canto de regresso à pátria*

*Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá  
Minha terra tem mais rosas  
E quase que mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra  
Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo*

*Oswald de Andrade  
Canção do Exílio*

*Minha terra tem macieiras da Califórnia  
Onde cantam gaturamos de Veneza  
Os poetas da minha terra  
São pretos que vivem em torres de ametista,  
Os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
Os filósofos são polacos vendendo a prestações.  
A gente não pode dormir  
Com os oradores e os pernilongos  
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.  
Eu morro sufocado em terra estrangeira.  
Nossas flores são mais bonitas  
Nossas frutas são mais gostosas  
Mas custam cem mil réis a dúzia.  
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade  
E ouvir um sabiá com certidão de idade !*

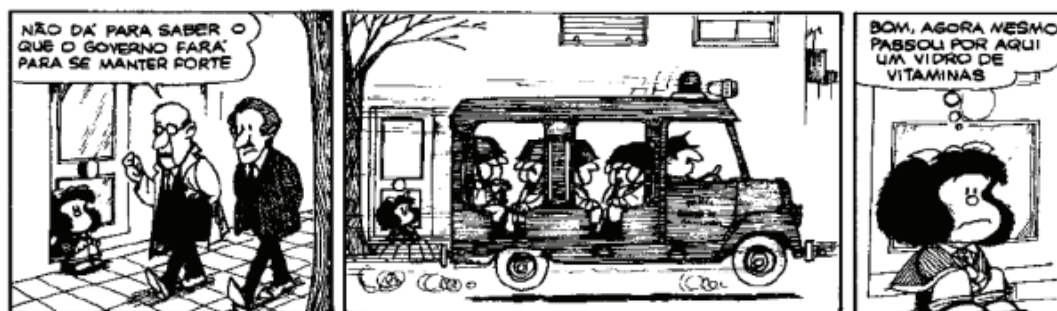
*Murilo Mendes*

Assim que estabelecemos familiaridade com fragmentos poéticos em questão, constatamos que todos são unânimes no que se refere ao discurso. Todos os autores, ora pertencentes ao período modernista, pautam por um só objetivo: parodiar o pensamento ideológico que se fez presente na era romântica, sobretudo pelos



representantes da primeira fase. Dessa feita, tal crítica se atribui ao nacionalismo exacerbado, “camuflando” as reais condições detectadas pela “terra descoberta”. E os modernistas, é claro, colocando em prática as ideias em voga, não deixaram por menos, retratarem sim as raízes nacionais, embora de uma forma real, transparente. Como bem nos afirma de modo verídico, Murilo Mendes:

***Nossas flores são mais bonitas  
Nossas frutas são mais gostosas  
Mas custam cem mil réis a dúzia...***



Nesta tira, vemos dois senhores conversando sobre a incerteza do governo se manter forte. Mafalda sentada, no primeiro quadro, no canto da porta ouve a conversa com atenção. Logo, passa um carro na rua em alta velocidade, o que pode ser percebido pelos riscos no veículo e acima dele, a poeira deixada para trás, as rodas um pouco acima do chão, todos elementos indicando velocidade. Este carro por conter sirene, autofalante, e pessoas vestidas como militares, presume-se ser um carro de polícia, naquela época de militares que comandavam o país. A menina observa essa cena também com atenção. No final da tira, vemos um balão do pensamento em que Mafalda associa o veículo cheio de militares com um vidro de vitaminas, ou seja, algo que irá fortalecer o governo (mesmo que com a utilização da força bruta) e acabar com a incerteza que os senhores levantaram no primeiro quadro. O fato dos militares conseguirem manter o governo forte remete à ditadura em que se utilizavam da força, da violência, de repreensões para manter a “ordem” e combater as pessoas consideradas “anarquistas” ou “subversivas”. Assim, este intertexto não é apenas verbal, mas também se constitui em um intertexto visual por conter tanto o veículo dos militares quanto as palavras da Mafalda em chamá-lo de vidro de vitaminas.





para não haver prejuízo no entendimento da tira, é necessário que o leitor relacione a ordem de lavar as mãos, dada pela mãe, com a frase dita por Pôncio Pilatos quando da condenação de Jesus. O intertexto bíblico se refere ao momento em que Pilatos lavou as mãos se isentando da culpa pela condenação e morte de Jesus Cristo. A frase “lavar as mãos” ficou popularmente conhecida e é empregada quando a pessoa quer demonstrar que já não pode ou não quer fazer mais nada diante de um problema, dizendo “Eu lavo as minhas mãos”.

A **paródia** tem como elemento principal, na maioria das vezes, a *comédia*, ou seja, a partir da estrutura de um poema, música, filme, obras de arte ou qualquer gênero que tenha um enredo que possa ser modificado. Mantém-se o esqueleto, isto é, características que remetam à produção original, como por exemplo o ritmo – no caso de canções – mas modifica-se o sentido. Com cunho, em muitos casos, cômico, provocativo e/ou retratação de algum tema que esteja em alta no contexto abordado (Brasil, mundo política, esporte, entre outros).

#### Algumas referências

<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/07/entenda-diferenca-entre-smiley-emoticon-e-emoji.html>

<https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-redacao/exercicios-sobre-linguagem-verbal-linguagem-nao-verbal.htm#resp-2>

<http://www.saposvoadores.com.br/2012/06/6-elementos-basicos-para-criar-uma-historia-em-quadrinhos.html>

SAVIOLI, Francisco Platão. Manual do candidato : português. 2.ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001. E, também, link <http://portugues.uol.com.br/redacao/lingua-culta-coloquial.html>